

Alerta vermelho nas relações com EUA

Uma brusca deterioração da posição do Brasil nos Estados Unidos é a explicação para a visita inesperada a Nova York e a Washington que o ministro Bresser Pereira confirmou ontem, depois de revelada pelo **Jornal da Tarde**.

O ministro Bresser Pereira virá "para conversar, principalmente", declarou uma importante fonte, minimizando a versão de que a visita seria, na verdade, uma convocação do secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, e que nela o Brasil estaria diante de um ultimato: ou faz um pagamento simbólico dos juros da dívida rompendo a moratória, ou não receberá mais dinheiro novo algum, quando for reclassificado como inadimplente por uma comissão intergovernamental.

"Temos que conversar, pois do contrário não dá. Os argentinos passaram por isto. E os mexicanos também" — acrescentou a mesma fonte. Até ontem à noite, a única

conversa prevista para remediar a posição do Brasil será a que terão o ministro Bresser Pereira e o secretário do Tesouro, James Baker, que estaria sob forte pressão dos banqueiros norte-americanos.

Esta reunião crucial está marcada, em princípio, para o dia 8.

O ministro Bresser Pereira chegará a Nova York no domingo, enquanto que o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Márcio Marques Moreira, virá direto para Washington. O que ele fará no duplo feriado do dia 7 de setembro, o Dia do Trabalho norte-americano e da Independência brasileira, ainda é um mistério. "Estará descansando", dizem algumas fontes oficiais. "Vai se encontrar com banqueiros", especulam outras. Mas pode até ser que ele participe da Festa do Brasil em Washington.

O que teria provocado o alarme sobre as relações dos Estados Unidos e Brasil? Na semana passada,

pela primeira vez, o representante norte-americano no Banco Mundial votou contra a aprovação da abertura de uma linha de crédito de US\$ 80 milhões a três bancos brasileiros. A justificativa para o voto foi a de que "o Brasil está em moratória". O projeto passou, por 21 votos a 1, mas expôs e marcou uma nova atitude dos Estados Unidos onde o Brasil ainda mantinha crédito, após a moratória: o Banco Mundial.

Outro sinal do alarme teria soado com a conclusão do relatório do FMI (Fundo Monetário Internacional) sobre o Brasil. Ela não seria tão positiva como se previra. O conjunto de medidas econômicas adotadas pelo ministro Bresser Pereira não está sendo considerado como um plano acabado, ou suficiente. Tanto que se o Brasil quisesse voltar hoje ao FMI teria que apresentar um outro plano.

Os bancos comerciais, em Nova

York, deram vários sinais de alarme. As operações interbancárias ficaram muito tensas, desde que foram completados os seis meses de moratória, no dia 20 de agosto. O telex do governo brasileiro pedindo a prorrogação do acordo das linhas de curto prazo até dezembro, enviado na semana passada, provocou uma irritação maior entre os banqueiros. Um deles, um dos maiores credores do Brasil, declarou, na última sexta-feira, que "entramos numa era de incertezas". As linhas de crédito comerciais e interbancárias, no total de US\$ 15 bilhões, estão mantidas, mas também porque não há muitas alternativas para quem quiser desertar: o Banco Central reteria o dinheiro no País, no caso de corte, e cada banco que se retirar aumenta a carga dos outros, pois o valor dos empréstimos não varia, por um acordo contratual.

Mais um sinal de alarme, tocando desde que a moratória en-

trou no sexto mês, é a comissão intergovernamental norte-americana que já fez duas reuniões para examinar a reclassificação e o rebaixamento da dívida brasileira. Ela estaria endurecendo sua posição a caminho da terceira e última reunião, marcada, estrategicamente, para o dia 26 de outubro, quando as tentativas para renegociar a dívida já teriam dado ou não resultados, durante a reunião anual do FMI, em Washington, no final de setembro. Se a conclusão da comissão intergovernamental for pelo rebaixamento, os bancos credores do Brasil terão que pôr até 10% do que emprestaram como crédito em liquidação, aumentando outra vez suas reservas, o que lhes dará um novo trimestre de grandes prejuízos. As consequências para o Brasil seriam uma perda de crédito geral, incluindo as linhas de curto prazo, e o provável início de uma guerra econômica que o presidente Sarney disse que não quer pro-

vocar, quando visitou o México, no mês passado.

A deterioração da posição do Brasil passou a ser visível também na imprensa. Várias fontes envolvidas com a renegociação da dívida chamaram a atenção, ontem, para o violentíssimo editorial publicado pela revista **The Economist**, circulando até 4 de setembro, e do qual estamos publicando trechos nesta página.

"Setembro vai ser um mês agitado", comentou uma das fontes. "A impressão que temos é a de que está sendo armado o palco para um endurecimento." Uma outra lamenta a atitude americana: "Poderiam esperar... O ministro Bresser não pôde nem mostrar os primeiros resultados da aplicação de seu plano".

**Moisés Rabinovici,
de Washington.**